

Lugar e tempo: Bento Rodrigues no Lampião

Karina Gomes Barbosa

Doutora; Universidade Federal de Ouro Preto; Mariana, MG, Brasil
karina.barbosa@gmail.com

André Luís Carvalho

Doutorando; Universidade Federal de Ouro Preto; Mariana, MG, Brasil
adlcarvalho@gmail.com

Resumo

Buscamos investigar como se deu a presença de Bento Rodrigues, subdistrito de Mariana (MG), no jornalismo local marianense antes do rompimento da Barragem do Fundão em 5 de novembro de 2015, que o devastou, e se – e como – tal presença se alterou depois da catástrofe. Nosso objeto de pesquisa é o jornal *Lampião*, que carrega a dupla característica de jornalismo local e de jornalismo experimental. O corpus pesquisado é composto pelas 21 edições anteriores à tragédia – da 0 à 20 – e pela edição 21, dedicada ao acontecimento. A partir de análise de conteúdo, trabalhamos com as variáveis de inferência de espaço e tempo para demarcar presenças e ausências do Bento como lugar; articular as temporalidades engendradas pela cobertura do veículo; e refletir sobre as noticiabilidades acionadas pelo jornal para trazer o subdistrito à tona ou interditar sua existência midiática, nessa dupla inscrição local-experimental. A análise nos permite concluir que o passado de Bento no jornal foi determinado pela mineração, que também consolida um presente que demarca a presença da ausência, amarrando os tempos midiáticos desse lugar/não lugar.

Palavras-chave

Bento Rodrigues. Jornalismo local. Lampião. Lugar. Tempo.

1 Vestígios

Quando, em 5 de novembro de 2015, a lama da barragem de rejeitos da atividade minerária do complexo da empresa Samarco (controlada pela mineradora brasileira Vale e pela mineradora anglo-australiana BHP Billiton) devastou o subdistrito de Bento Rodrigues, em Mariana, interior de Minas Gerais, o jornal *Estado de Minas* (EM) noticiou na manchete do dia seguinte: “Barragem se rompe e tsunami de lama arrasa vilarejo”; no texto de apoio,

Bento foi chamado de “povoado” (Figura 1). Dois dias depois, em 8 de novembro de 2015, surgiu pela primeira vez uma imagem que não era ruína: uma fotografia aérea de Bento Rodrigues, feita pelo fotógrafo Marcelo Pinheiro, tendo a Barragem de Fundão em segundo plano, sem data, mas tirada antes da tragédia (Figura 2). A chamada diz – mas não mostra: “Havia uma capela, uma escola, um posto de saúde, dezenas de casas... NÃO HÁ MAIS NADA”. Na linha fina lemos: “Como, em minutos, um vilarejo centenário foi varrido do mapa”. Aos poucos, o jornal mineiro foi construindo sua versão “do Bento”, o subdistrito pertencente ao distrito de Camargos ou ao de Santa Rita Durão .

No dia 19 de novembro, **Bento** ressurgiu sem a lama que dominava as capas do jornal há 13 dias: a fachada de uma casa. A imagem foi capturada a partir do Google Street View ; por isso o crédito, **Google**, e as setas características da navegação do aplicativo nos cantos inferiores da imagem (Figura 3). A presença de Bento Rodrigues no EM, mais tradicional jornal de referência mineiro, se constitui de vestígios, mais que de uma marcação de presença. É compreensível/justificável dadas as características do jornalismo de referência brasileiro. Como jornal, o *Estado de Minas* tem de cobrir todo o vasto território mineiro com seus 853 municípios; focaliza sua cobertura nos centros econômicos mais importantes e no que orbita a região metropolitana da capital, Belo Horizonte. Mesmo considerado o mais tradicional jornal de Minas Gerais, o EM vem perdendo participação no mercado estadual. Entendemos tradição, aqui, no sentido apontado por Varão (2009): “qualquer coisa que seja transmitida ou legada como herança do passado ao presente, sob quaisquer formas: material ou simbólica, oral ou escrita” (VARÃO, 2009, p. 235); o EM, nesse contexto, é consolidado como “elemento da cultura” (VARÃO, 2009) do jornalismo mineiro e do jornalismo mineiro perante o resto do país, seja por sua perenidade, relevância, tamanho, credibilidade .

Nesse contexto, “Bento”, antes de ser tomado pelo acontecimento que o destruiu, era um ponto pequeno demais para caber na noticiabilidade do EM; para que o jornal tivesse fotos do subdistrito em seu acervo – essa hipótese parte do fato de nunca terem publicado uma imagem própria de arquivo de antes da tragédia, diante de ausência de referências visuais específicas; para que o jornal o mapeasse no território marianense.

¹ Divisões administrativas dos distritos dos municípios mineiros com fins de descentralização administrativa, de acordo com a Lei Complementar 37, da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 1995).

² No site da Prefeitura de Mariana Bento Rodrigues está designado como pertencente aos dois distritos (MARIANA, 2019).

³ Segundo o próprio site, o Google Street View permite que o usuário “[...] explore pontos de referência internacionais, descubra maravilhas da natureza e entre em locais como museus, locais de espetáculos e pequenas empresas.” (GOOGLE MAPS, [2018], doc. não paginado), por meio de exploração visual de paisagens em 360°. O aplicativo pode ser acessado via navegador, no computador, e em celulares com sistemas operacionais Android e IOS.

⁴ A edição impressa do jornal O Tempo circula mais que o EM desde 2015, assim como as dos populares Super Notícia e Aqui (a partir das edições consolidadas de DF, MG, MA e PE), segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) referentes a 2016. No digital, o EM ainda tem mais acessos que O Tempo.

Figura 1 - Capa do EM de 6/11/2015, um dia após o rompimento



Fonte: Portal do jornal Estado de Minas.

Figura 2 - Capa do EM de 8/11/2015; na parte superior a foto aérea de Bento



Fonte: Portal do jornal Estado de Minas.